

Macedônio, a última fronteira linguística eslava

Aleksandar Jovanovic



pós 12 séculos de existência – interrompida por diversas circunstâncias históricas, econômicas, sociais e culturais –, o macedônio emergiu, em 1945, como a última (sic) língua literária eslava (Элле Л, 1997, pp. 200-7)¹. Os missionários bizantinos Cirilo e Metódio

1 Até o sorábio – a língua eslava com o menor número de falantes – havia sido normatizado muitos séculos antes. Ainda hoje divide-se em duas variantes (norte e sul) e foi alçado à condição de idioma de uma *minoría etnolingüística* após a Segunda Guerra Mundial, na então recém-fundada Alemanha Oriental. No entanto, já era empregado como língua escrita, de modo regular, na Baixa Idade Média. Ver também: Michalk (1990).

ALEKSANDAR JOVANOVIC é professor da Faculdade de Educação da USP, tradutor de algumas línguas da Europa Centro-Oriental e autor de, entre outros, *Bosque da maldição* (Editora UnB).

evangelizaram os povos eslavos, no século IX da era vulgar, através da criação de um idioma literário (o eslavo eclesiástico) baseado nos dialetos eslavos da Macedônia, falados nos arredores de Salônica (*Конески*, 1981, pp. 97 e segs.).

Séculos de ocupação otomana, a ausência de um Estado próprio e a inexistência de uma língua literária codificada representaram fatores determinantes para que somente no final da Segunda Guerra Mundial, e dentro dos limites da ex-Iugoslávia (1918-1991), o idioma literário acabasse sendo criado com base nos dialetos centrais. Um moderno alfabeto cirílico e normas ortográficas recém-estabelecidas garantiriam que a língua literária passasse a ser utilizada, imediatamente, em todos os escalões da vida pública – escola, imprensa, meios de comunicação eletrônicos, teatro, literatura etc. Por razões evidentes, não serão abordados os fatos que se sucederam à independência do país no final do século XX.

As raízes da história dessa pequena nação eslava de, no máximo, dois milhões de falantes, encravada no sul da Península Balcânica, retroagem à própria época das invasões eslavas, nos séculos V e VI da era vulgar. Pequenos principados disputavam espaço e hegemonia diante do poderio bizantino e de outros reinos e/ou impérios. O primeiro, e efêmero, Estado macedônio emergiria no final do século X, tendo curta duração: acabaria sendo extinto já em 1018 (*Андонов*, 1967). Este fato não impediu que em Ohrid florescesse, a partir do século X, uma escola literária onde os discípulos de Kliment e Naúm (estes, por seu turno, continuadores da obra de Cirilo e Metódio) produzissem cópias e traduções de textos eclesiásticos, mas também obras originais – todas em

eslavo eclesiástico –, que rivalizavam com os textos produzidos em Preslav, capital do vizinho reino búlgaro.

As rivalidades entre os estados balcânicos serviram de freio para o desenvolvimento cultural e político independente dos macedônios até o final do século XIV, quando a invasão otomana no Sudeste europeu alterou o frágil equilíbrio de forças e impôs cinco séculos de dominação, tendo como consequência um profundo hiato em termos de vida espiritual. O eslavo eclesiástico seria, durante longos séculos, não somente instrumento ecumênico da ortodoxia, mas também veículo literário para diversos povos eslavos (russos, bielorrussos, ucranianos, sérvios, búlgaros, macedônios) e até mesmo para os romenos.

A evolução do macedônio, ao longo de 12 séculos, apresenta algumas peculiaridades dignas de notas: desenvolveu uma tríplice forma de artigo posposto, com valor dêictico, e as flexões nominais perderam-se, com exceção do microssistema dos pronomes pessoais e de um caso genitivo-acusativo. Um exame diacrônico mostra que as antigas declinações do macedônio foram substituídas, de modo lento mas progressivo, provocando profundo realinhamento sistêmico do idioma. Em sincronia, as formas sintéticas (resquícios das antigas flexões nominais) coexistem com as formas analíticas surgidas em períodos mais recentes do desenvolvimento do idioma. O sistema verbal possui complexidade: caracteriza-se pela existência dos chamados tempos narrativos. Artigos pospostos, perda de flexões nominais e tempos narrativos são elementos estruturais que aproximam o macedônio do búlgaro. Quando o idioma literário foi codificado em 1945, o léxico foi enriquecido com base em modelos buscados

no russo e no servo-croata (ou, segundo algumas versões, sérvio e/ou croata) modernos, mas diversos internacionalismos (termos de origem greco-latina, com pronúncia e grafia adaptadas à sintaxe fonológica do macedônio) também foram incorporados (Конески, 1967, pp. 55 e segs.).²

As zonas de transição entre os falares búlgaros, macedônios e sérvios são, por vezes, bastante tênues, fator que facilitava a tentativa de impor aos macedônios outra língua literária. Por exemplo, durante a Segunda Guerra Mundial, foi o caso do búlgaro, como resultado da ocupação da Macedônia por aliados do Eixo. Tampouco deixa de ser significativo o fato de que ainda hoje existem populações de língua macedônia tanto na Bulgária Ocidental (na região das montanhas Pirin) quanto na Grécia, mas nenhum dos dois países concede o direito à alfabetização em língua materna às minorias macedônias. A disputa territorial que envolveu o Sudeste europeu atingiu a Macedônia muitas e sucessivas vezes de modo bastante agudo, resultando no confronto de países vizinhos exatamente no terreno linguístico: a ausência de idioma literário codificado abria as portas para a tentativa de introduzir uma língua de prestígio em caráter definitivo, fato que poderia resultar, também, na assimilação gradativa dessa população.

A questão da identidade nacional e linguística surgiria, de modo claro, no século XIX, dentro da moldura das revoluções burguesas europeias, que traziam em seu bojo

a ideia do Estado-nação. Na época, intelectuais macedônios fomentavam a ideia de criar uma norma literária para colocar fim à verdadeira situação de diglossia em que havia, de um lado, a língua popular, que continuava evoluindo e produzira um grande e rico repertório de literatura oral e, de outro, ora o eslavo eclesiástico, ora outras línguas de prestígio eram empregadas como norma escrita. A luta pela independência nacional e a defesa da noção de que haveria identidade entre povo, nação e língua buscaram suas fontes em pensadores como Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) e Johann Gottfried Herder (1744-1803), mas também nos eslovacos Pavel Josef Šafarik e Jan Kollár e no tcheco František Palacký, defensores não somente desses princípios, mas ardentes militantes da criação de estados nacionais para os vários povos eslavos que viviam, ainda nos albores do século XIX, no interior de alguns impérios multiétnicos (Caussat, Adamski & Crépon, 1996).

Ao longo do século XIX, convivem dois estilos, o baixo, que empregava o macedônio popular (por vezes, grafado em alfabeto grego, como fizeram os escritores Dimitar Miladinov ou Grigor Prlitchev; por vezes, mistura elementos do eslavo eclesiástico, como foi o caso dos escritores Ioakim Krtchovski e Kiril Peitchínovitch), e o elevado, que se utilizava exclusivamente do eslavo eclesiástico ou do grego moderno. Era evidente que inexistia consciência sobre a necessidade de criar um idioma literário próprio, cujos traços principais fossem delineados de modo claro e exato. Entre 1850 e 1860, surge o debate sobre a construção da língua literária macedônia. Duas correntes se defrontavam: uma, defendida pelo escritor Parteni Zografski, que apregoava a necessidade de forjar

2 Cabe observar que o léxico do macedônio literário moderno foi elaborado a partir de diversas escolhas entre variantes – em especial, diante dos modelos do russo, búlgaro e servo-croata literários – com a inclusão de arcaísmos, derivações modernas e internacionalismos.

uma língua “búlgaro-macedônia”, intermediária entre os falares búlgaros e macedônios; outra, favorável a uma norma literária exclusivamente macedônia, representada por Dimitar Makedonski e Kuzman Chápkarev (Friedman, 1985).

Somente em 1906, Krste Misirkov editaria uma obra intitulada *Pela causa macedônia* (*За Македонците Работи*), em que descrevia, em linhas gerais, as tarefas necessárias para a criação da língua literária macedônia, salientando a necessidade de que a língua popular deveria servir-lhe de embasamento. E recomendava como modelo para o idioma literário os dialetos centrais (entre Veles, Prilep, Bitol e Ohrid), porquanto funcionariam como variante interdialeto. Era a primeira sistematização séria, cujas bases seriam utilizadas em 1945 para a codificação definitiva da língua literária moderna.

Cabe lembrar que a Macedônia foi uma das últimas províncias libertadas pelo Império Otomano, nas Guerras Balcânicas de 1912-13, ao final das quais acabou sendo partilhada por Sérvia, Grécia e Bulgária. Nos conturbados eventos que marcaram os anos 90 do século passado, a Macedônia separou-se da federação iugoslava para tornar-se uma república independente.

Se Miladinov, Prlichev, Krtchovski, Peitchínovitch, Zografski ou Misirkov foram os precursores da ideia de codificar a língua literária, a literatura macedônia contemporânea tem seus pioneiros na primeira metade do século XX nas figuras de Kosta Ratsin (1909-1943), Kole Nedelkovski (1912-1941), Nikola Váptsarov (1909-1942), Mite Bogoevski (1919-1942) e Aleksandar Karamanov (1927-1944), todos mortos ou assassinados durante a Segunda Guerra Mundial, alguns deles em plena juventude.



Reprodução

O filólogo e historiador Krste Misirkov (1874-1926)

A questão da língua literária em que haveriam de expressar-se ainda representava obstáculo, ponto de discórdia e aguda polémica, e tal fato recoloca sobre o palco do debate uma indagação prática em termos de taxionomia: a que literatura pertencem, ou se devem ser incluídos em mais de uma literatura. Mais ainda: em que medida o fato de expressar-se numa outra língua, que não seja o idioma materno, entra em conflito com a problemática da consciência nacional? Ou, em outros termos: onde começa e onde termina o limite em que se pode impor uma consciência nacional a algum escritor através de uma simples classificação, a partir da língua em que se expressou ou expressa? No século XIX, Grigor Prlichev venceu concurso poético em Atenas, exatamente no ano de 1860, com o poema épico *Serdar*, escrito em grego moderno. Nas primeiras décadas do século seguinte, o poeta Kosta Ratsin redigiria parte de sua obra em servo-croata, e Nikola Váptsarov escreveria apenas em búlgaro, embora fosse

o *spiritus movens* do Círculo Literário Macedônio (1938-1942) que se reunia em Sófia, capital da Bulgária, ainda em plena guerra, e que não somente discutia assuntos de caráter literário, mas também lutava pela autonomia política do povo macedônio, inclusive dentro do território búlgaro (Đurčinov, 1988).

Tanto Ratsin quanto Váptsarov afirmavam, de maneira bastante clara, que se consideravam macedônios. Mas, no caso de Váptsarov, até hoje persiste uma disputa búlgaro-macedônia para incluir o poeta apenas numa ou noutra literatura, de modo que dois aspectos fundamentais – a língua de expressão do artista e a consciência de sua especificidade nacional – esmaecem-se diante do conflito que objetiva apenas classificá-lo.

De qualquer modo, a coletânea de poemas intitulada *Alvas alvoradas* (*Бели Мъзпу*), de Kosta Ratsin, publicada em 1936, representa uma espécie de pedra fundamental da língua em que se expressariam, doravante, todos os escritores macedônios. Ratsin, a exemplo de seus companheiros desaparecidos na Segunda Guerra Mundial, era, também, um ativo militante humanista engajado no combate ao nazi-fascismo, ideologia que, entre 1939 e 1945, semeou morte e terror na Europa. Sobre os escombros provocados pela guerra seria construída a codificação do macedônio literário e reconhecida a identidade nacional desse pequeno povo.

Assim, em 1944, antes mesmo que a tarefa de criação da língua literária estivesse terminada, o poeta Átso Chópov (1923-1982) editaria sua coletânea intitulada *Poemas* (*Песме*). Cabe sublinhar que, em 1952, o livro de Chópov, intitulado *Versos sobre a tristeza e a alegria* (*Смехови за макама и паџоцма*), sinaliza o momento de transposição da fronteira que impedia o ingresso

do mundo espiritual dos poetas no universo literário macedônio. Sua imaginação elegíaca também caminha, nas obras seguintes, pelos estreitos corredores que enfileiram diversas questões metafísicas vinculadas à própria razão da existência humana.

A tradição popular e a experiência pioneira de Ratsin seriam o alicerce sobre o qual edificaria sua obra a primeira geração de poetas macedônios do século XX – e que escreveriam já numa língua literária codificada e reconhecida como independente dos idiomas eslavos vizinhos. Há dois aspectos complementares a serem levados em conta com respeito ao período da guerra e ao pós-guerra. De um lado, não se pode olvidar o fato de que, nos países da Europa Centro-Oriental, até o começo dos anos 50, a literatura e as artes, em geral, estavam subordinadas ao dogma do coletivismo, que regeria o chamado realismo socialista, “adotado” logo depois do final da Segunda Guerra Mundial. Temas coletivos, lugares-comuns e a presença de epígonos do poeta cubo-futurista russo Vladímir Maiakóvski dominariam, em grande parte, a cena literária inicial. Para os escritores eslovenos, sérvios, croatas e/ou macedônios, somente o rompimento da Iugoslávia de Tito com o Cominform, em 1948, abriria caminho para a libertação das artes do peso do jdanovismo onipresente, que não admitia a hipótese de que as artes possam ter função independente da subordinação ideológica. De outro lado, não se pode olvidar que o sofrimento coletivo, a resistência e a luta heroica contra a ocupação nazi-fascista e o domínio do obscurantismo ideológico, a possibilidade de recomeçar a vida e reconstruir sociedades e/ou países inteiros, todos eram elementos muito significativamente presentes e que pouco espaço



O poeta e tradutor Blaje Koneski (1921-1993)

deixavam para a expressão de sentimentos individuais, para uma lírica pessoal. Assim como aconteceu, de modo geral, na literatura escrita em outras línguas eslavas meridionais (servo-croata e esloveno), também na Macedônia florescem escritores inovadores da forma e do conteúdo, que, muitas vezes, passariam a ter influência dos poetas russos Alieksandr Blok e Sierguêi Iessiênin. Em vez de mirar-se no porta-voz da Revolução de 1917, Maiakóvski, retomariam impulsos do Surrealismo e haveriam de abrir-se na direção de outras literaturas contemporâneas. Assim, nas literaturas dos povos eslavos que constituíam a antiga Iugoslávia, a influência de outros escritores eslavos acabaria também sendo substituída pelo diálogo com as literaturas francesa e espanhola modernas.

Blaje Koneski (1921-1993), Slavko Ianevski (1920-2000) e Átso Chópov constituem o núcleo de poetas responsáveis pelos alicerces da poética contemporânea em macedônio li-

terário. Koneski reuniria numa única pessoa as figuras do escritor talentoso, linguista responsável pela codificação da língua literária e pesquisador internacionalmente reconhecido; sua obra literária tem dois aspectos distintos: de um lado, a lírica meditativa e, de outro, os temas épicos, vinculados à história e ao folclore de seu povo. Ianevski dedicou-se tanto à poesia quanto à prosa e à literatura infantil; tem sua obra transposta para muitas línguas no mundo. Chópov, por seu turno, esteve presente no cenário da literatura macedônia desde o final da Segunda Guerra Mundial. Os três contribuíram muito e em alto nível, enquanto tradutores de diversas línguas, para a recepção de inúmeras outras literaturas em macedônio moderno.

É preciso citar um grupo de poetas que entre os anos 40 e 50 adotou uma verdadeira poética do intimismo: trata-se de Gogo Ivanovski (1925-2004) e Srbo Ivanovski (1928-2014), com a “poética dos pequenos objetos” e acentuada disposição lírica. Caberia a Gane Todorovski (1929-2010), Máteia Mátevski (1929-2018) e Ante Popovski (1931-2003) representar a corrente responsável pela libertação da literatura de funções extraliterárias e pela renovação efetiva do repertório poético em língua macedônia que, de modo geral, continuava muito preso tanto a uma expressão arcaizada quanto às formas legadas pela literatura oral. Mátevski, por exemplo, seria o expressivo poeta das formas condensadas e lapidarmente acabadas, enquanto Popovski faria uma síntese muito original entre a língua herdada do folclore e uma linguagem poética elíptica e contemporânea.

A geração dos anos 60, integrada, grosso modo, pelos poetas Radovan Pavlovski (1937), Bogomil Diúzel (1939), Petre Andreevski (1934-2006), Vlada Uróchevitch

(1934), Iovan Koteski (1932), Petar Bochkovski (1936), Liúben Tachkovski (1932-1994), Mile Nedelkovski (1935-2020) e Iovan Pavlovski (1937), simbolizou mudança fundamental no panorama da poesia macedônia contemporânea. Apesar de conservarem vínculos orgânicos com sua origem, esses escritores procuram obter uma síntese do pensamento poético, mítico e arquetípico com a sensibilidade moderna, conforme lembra Đurčinov.

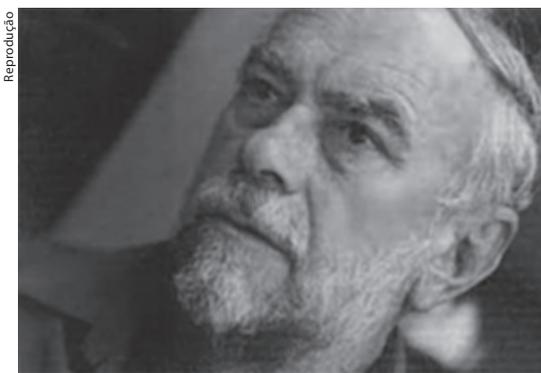
Em 1961, Radovan Pavlovski e Bogomil Diúzel lançam o manifesto *O épico em votação* (*Епското во гласање*), que se tornaria verdadeira plataforma dos poetas dispostos a romper com o peso das formas fixas herdadas da literatura oral em macedônio, de longa tradição. “Sim”, afirmam eles, “não temos tradição. Mas temos um passado. Psicológico. Estamos enterrados nele até o pescoço. Em sonhos. Um passado não vivido e que apenas espera ser desembaraçado, destrinchado, no presente e mais ainda no futuro. [...] Nossa épica dá-nos mais do que palavras, dá-nos um nome... Mas aquilo que é essencial para o surgimento de uma nova épica não é mais a sua narratividade, mas o conflito dramático que ele contém”. Desse modo, os dois jovens poetas expressavam o desejo de criar os contornos de uma nova



O poeta e crítico literário
Mátieia Mátievski (1929-2018)

poética e produzir uma literatura livre das amarras quase asfixiantes do passado, tanto na forma quanto no conteúdo.

Quatro poemas – no original e em tradução minha para o português – dos poetas contemporâneos Mátieia Mátievski e Bogomil Diúzel podem dar ideia não apenas de como é a língua macedônia atual, mas sobretudo a respeito do nível artístico de certos escritores que se valeram e valem desse idioma. Estamos convencidos de que no mundo lusófono pouco se conhece a respeito de determinadas línguas eslavas faladas por grupos etnolinguísticos e culturais pouco numerosos – podemos mencionar o macedônio, o esloveno e o sorábio. E conhece-se menos ainda a produção literária nessas línguas. Esta é apenas modesta e minúscula contribuição para os estudos de eslavística em nosso país. Uma nota final: devido a problemas políticos com a Grécia, o país mudou o nome para Macedônia do Norte.



O poeta Bogomil Diúzel (1939)

BOGOMIL DIÚZEL

ПРОФЕСИОНАЛЕН ПОЕТ

Последен збор, последна голтка
и стануваш од масата по завршеното работно време
фати го првиот претрупан автобус до кујната
штрбни од лебот и помирисај во фурната.

Глад и разлеано олово по снагата –
вклучи го мониторот од градината
и прелистај го дневниот печат од небото.
Ништо па ништо.

Ластарите од повитот
се веат во празно – така повеќе не може, треба...
да се насочат со ортоми под стреата.
Ќерка ти донесува стол за да се поткачиш.
“Масата е поставена”, вика жена ти
низ прозорецот од некое друго време.

По ручекот, прошетка, низ градината
само ти во скафандер, свездите наоколу,
и под тебе. Антените треба да се прицврстат
калемената јаболкница бара губре.

Назад во кабината –
“Тато, што е тоа
чудовиште?” Одеднаш командите откажуваат
парчиња хартија летаат разулавени.
На масата –
нов бел лист
и моливот тежок како револвер

POETA PROFISSIONAL

Última palavra último gole
levantas da mesa após a jornada de trabalho
toma o primeiro ônibus lotado até a cozinha
quebra um pedaço de pão e aspira o aroma do forno

Fome e chumbo derretido pelo corpo –
liga o monitor do jardim
e folheia a imprensa diária do firmamento.
Nada e nada.

Os cipós da madressilva
estendem-se no vazio – *isto não pode continuar, é preciso...*
Amarrá-los debaixo do beiral.
Tua filha traz a cadeira para subires.
“A mesa está posta”, grita tua mulher
da janela de um outro tempo

Após o almoço passeio pelo jardim
solitário em teu escafandro as estrelas em volta
e debaixo de ti. É preciso fixar as antenas
a macieira enxertada procura adubo.

De volta à cabine –
“Papai, o que é
esse monstro?” De repente os comandos falham
pedaços de papel revoam tolamente
Em cima da mesa –
uma nova folha em branco
e um lápis pesado como revólver

Нож под грло

Ним, на кои само силата
им е света
не можеш да им одговориш
со света кроткост
без сила

Не можеш да гукаш како гулаб
(ни да бркаш гулабици)
дур те гаѓаат со ситна сачма
– чиста случајност
што те промашуваат

Не можеш ни да се преправаш
дека не постојат
да пееш како славеј до зашеметеност
(надевајќи се дека ќе паднат од чудо)
зашто, еве, сега паѓаш ти – воздух издишен

FACA NA GARGANTA

Àqueles para os quais somente a força
é sagrada
você não pode responder
com santa paciência
sem violência

Você não pode arrulhar como um pombo
(nem mesmo espantar os pombos)
porque eles atiram em você com chumbo miúdo
– e não o acertam
por mero acaso

Você nem mesmo pode fingir
que eles não existem
ou cantar como um rouxinol até o esgotamento
(esperando que eles caiam de surpresa)
porque, olhe, agora é você quem está caindo – sem fôlego

MÁTEIA MÁTEVSKI

КРУГ

Влегов во кругот од неговата внатрешна страна
круг вон кругот
круг во кругот
додека времето ја рони својата карпа од време

Како цветот што паѓа
од сина несоница
каменот како што ита
по својата исплашена сенка
како водата ведре
врз дланката на сонцето

Кругот се отвора бавно за нови кругови
дамнешни пејзажи на постојаната иднина
во нив ме препознаваат моите бледи синкопи
залудно налактен на работ на хоризонтот

Влегов во кругот од неговата надворешна страна
круг во кругот
круг вон кругот
во светла беспатица

На мојата заборавена прашина
времето ја гради
својата карпа од време

CÍRCULO

Ingressei no círculo através de sua parte interna
círculo fora do círculo
círculo dentro do círculo
enquanto o tempo esfarela o seu penhasco de tempo

Como a flor que cai
de insônia azul
a pedra que corre
sobre a própria sombra assustada
como a água límpida
sobre a palma da mão do sol

O círculo se abre para novos círculos
paisagens antigas de um futuro contínuo
nelas os meus desmaios pálidos me reconhecem
debruçado em vão sobre a borda do horizonte

Ingressei no círculo através de sua parte externa
círculo dentro do círculo
círculo fora do círculo
no descaminho reluzente

Sobre o meu pó olvidado
o tempo edifica
o seu penhasco de tempo

СТРАВ

Пристигаат троми пристигаат уморените коњи на просторот
тој далечен и наслутен шум на заборавениот говор
Тропаат беспрекин сами пред затворените прозорци
изгубено тропаат со нозете тапи без поткови
ти земјо по тебе лизгава и масна земјо мирна
тропаат темно измешани

Каде пред оваа маса пред овој памучен
хоризонт без линии
пред ова темно месо на земјата и ноќта
измешано длабоко месо и густо наеднаш
поплава на очите и на просторите смрт

Каде о каде ти јас ти море шумно и бескрајно
ти монотono
поле хоризонтално уморено
желно за исправено ветровито разведрување
Каде о каде
ти тесто густо на дождот и земјата
човеку јас
камену во рацете и во очите кал

MEDO

Chegam lerdos chegamos os cavalos cansados do espaço
Esse distante e pressentido rumor da linguagem esquecida
Batem constantes solitários diante de janelas cerradas
batem perdidos com cascos gastos sem ferradura
tu terra em ti terra gordurosa lúbrica tranquila
batem sombrios embaralhados

Para onde diante desta massa diante deste horizonte
felpudo sem traços
diante desta carne escura de terra e noite
Carne mesclada profunda densa
inundação dos olhos e morte dos espaços

Para onde eu para onde tu eu teu mar rumoroso e infinito
tu monótono
campo horizontal fatigado
ávido de limpidez ereta eólia
para onde para onde
tu massa densa de chuva e terra
eu homem
pedra nas mãos e lama nos olhos

REFERÊNCIAS

- Андонов, Х. “Македонското национално-ослободително движење до Илинденското востание” [O movimento de libertação nacional macedônio até a Insurreição de Ilinden], in *Југословенски народи пред Први светски рат* [Os povos iugoslavos antes da Segunda Guerra Mundial]. Београд, САН, 1967.
- CAUSSAT, P.; ADAMSKI, D.; CRÉPON, M. “La langue source de la nation”, in *Messianismes séculiers en Europe centrale et orientale (du XVIIIe au XXe siècle)*. Lièges, Mardaga, 1996.
- COMRIE, Bernard; MATTHEWS, Stephen; POLINSKY, Maria. “The atlas of languages”, in *The origin and development of languages throughout the world*. New York, Quarto Inc., 1996.
- ЃУЗЕЛ, Богомил. *Историјата како маштеа* [A história enquanto madраста]. Скопје, Мисла, 1971.
- ЂURČINOV, Jovan. *Nova makedonska književnost* [A nova literatura macedônia]. Beograd, Nolit, 1988.
- FRIEDMAN, Victor A. “The sociolinguistics of literary macedonian”. *The International Journal of the Sociology of Language*, vol. 52, 1985, pp. 31-57.
- КОНЕСКИ, Блаже. *Граматика на македонскиот литературен јазик* [Gramática da língua literária macedônia]. Скопје, Култура, 1967.
- КОНЕСКИ, Блаже. “Јазикот на старата словенска писменост во Македонија” [A língua da antiga escrita eslava na Macedônia], in *Јазични Темџ [Temas linguísticos]*. Скопје, Мисла, 1981.
- MICHALK, Siegfried; PROTZE, Helmut. *Studien zur sprachlichen Interferenz II. Deutsch-sorbische Dialekttexte aus Radibor, Kreis Bautzen*. Bautzen, VEB Domowina Verlag, 1974.
- MICHALK, Siegfried. “Přinošk ke kwantifikaciji řečneje interferency”, in Helmut Fasske; Ronald Löttsch (red.). *Beiträge zur sorbischen Sprachwissenschaft*. Bautzen, VEB Domowina Verlag, 1968, pp. 94-105.
- MICHALK, Siegfried. “Deutsch und Sorbisch in der Lausitz” [Alemão e sorábio na Lusácia]. *Germanische Linguistik*, 101-3, 1990, pp. 427-44.
- POPOVA, Tatiana. “Верна неверност”, in *Книжевниот превод како фактор на културата. Тетово, Советот на Меѓународна средба на книжевните преведувачи*, 1983, pp. 37-54.
- SPIESS, Günther. *Zur gegenwertigen Situation des Rusinischen*. Stuttgart, Robert Hinderling, 1986.
- SUSSEX, Roland; CUBBERLEY, Paul. *The slavic languages*. Cambridge, Cambridge University Press, 2006.
- Элле Л. “Права национальных меньшинств в Германии и Лужицкие сербы” [Os direitos das minorias nacionais na Alemanha e os sérvios da Lusácia]. Кузьнецова, А. И. и др. (уред.). *Малые языки Эвразии: Социоллингвистический аспект*. Сборник статей [As pequenas línguas da Eurásia: aspecto sociolinguístico. Coletânea de artigos]. Москва, МГУ (Филологический факультет), 1997.